

As microconstruções auxiliares aspectuais com “deixar” no Português do Brasil sob perspectiva construcional

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i1.2305>

José Roberto Prezotto Júnior¹

Resumo

Objetivamos investigar, à luz da Linguística Cognitivo-Funcional (BYBEE, 2016 [2010]; KUTEVA, 2004) e com base em um de seus eixos, especificamente a abordagem construcional da mudança linguística (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), as microconstruções aspectuais instanciadas pelo verbo “deixar”, [deixar + prep + V₂], no Português brasileiro. Defendemos a hipótese de que tais microconstruções emergem na rede linguística a partir da construcionalização gramatical via analogização ao esquema auxiliar [V₁+prep+V₂]. Para análise, utilizamos o *Corpus do Português* (DAVIS; FERREIRA, 2006, 2016) e delineamos parâmetros, fundamentados em Heine (1993) e Ilari e Basso (2008), a fim de averiguar e aferir o grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das microconstruções auxiliares sob análise.

Palavras-chave: construcionalização gramatical; verbo auxiliar; aspecto.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; juniorprezotto0496@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-7077-543X>

The aspectual auxiliary micro-constructions with “deixar” in Brazilian Portuguese under the constructional approach

Abstract

We aim to investigate, based on the Cognitive-Functional Linguistics (BYBEE, 2016 [2010]; KUTEVA, 2004), centered in one of its approach: the constructional approach to linguistic change (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), the aspectual micro-constructions formed with the verb “deixar”, [deixar + prep + V₂], in Brazilian Portuguese. We argue the hypothesis that these micro-constructions emerge in the linguistic network from a grammatical constructionalization by analogization to the auxiliary schema [V₁+prep+V₂]. To the analysis, we use the *Corpus do Português* (DAVIS; FERREIRA, 2006, 2016) and we outlined parameters based on Heine (1993) and Ilari and Basso (2008), with the objective of ascertaining and assessing the degrees of schematicity, productivity and compositionality of the micro-constructions under analysis.

Palavras-chave: grammatical constructionalization; auxiliary verb; aspect.

Introdução²

Partindo do pressuposto de que a estrutura linguística emerge na língua à medida que é usada (BARLOW; KEMMER, 2000), adotamos neste trabalho como suporte teórico a abordagem cognitivo-funcional, que concebe a língua como um sistema adaptativo complexo, devido a sua constante adaptação (gradiência e variação) e a sua complexidade. Motivada por processos cognitivos de domínio geral e específico e por sua organização em redes, uma construção, isto é, o *locus* da mudança, se convencionaliza e reconfigura a rede linguística (BYBEE, 2016).

Aliados a essa visão acerca da mudança linguística, o objetivo deste trabalho é analisar o processo de formação das microconstruções auxiliares delineadas pelo subesquema [deixar+prep+V₂] a partir de um dos eixos da Linguística Cognitivo-Funcional: a abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013).

A hipótese defendida é a de que esse subesquema auxiliar se construcionaliza gramaticalmente, via analogização, a um esquema mais abstrato e já convencionalizado do português, a saber: [V₁+ prep +V₂]. Tal subesquema instancia no português brasileiro as microconstruções auxiliares de aspecto terminativo, como *deixou de trabalhar*, e de aspecto prospectivo, como *deixou por fazer*, dentre outras. Apesar dos estudos já

2 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. O autor é membro do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas.

realizados sobre os auxiliares aspectuais em diferentes línguas, pouco se sabe sobre os processos de emergência e convencionalização dessas construções, em especial, sobre as relações de herança dessas microconstruções com outras construções.

No que tange à investigação dessas microconstruções aspectuais, convém ressaltar que os usos auxiliares não resultam de processos linguísticos puramente sintáticos ou morfológicos, como propunha a tradição estruturalista; pelo contrário, a emergência dos auxiliares na rede linguística de uma língua está vinculada à atuação de capacidades cognitivas humanas (KUTEVA, 2004), tais como a conceitualização.

Para alcançar os objetivos propostos, este artigo encontra-se assim organizado: na seção 1, apresentamos uma rápida discussão dos pressupostos teóricos; na seção 2, descrevemos a metodologia; a seção 3 traz a descrição e a análise das microconstruções a partir dos parâmetros e, por fim, a seção 4 traz as considerações finais.

1. Fundamentação teórica

A abordagem construcional da mudança linguística (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) toma a construção como unidade básica de análise da língua. Para os autores, as construções (i) são convencionais, pelo fato de serem compartilhadas por uma determinada comunidade de falantes, (ii) são simbólicas, por constituírem signos arbitrários, pareados de forma-significado e (iii) são unidades, pois em algum aspecto do signo elas são idiossincráticas (GOLDBERG, 1995) ou tão frequentes (GOLDBERG, 2006) que o signo está fixado na mente dos usuários da língua. Ademais, para Traugott e Trousdale (2013), as construções podem se apresentar de duas formas: conteudística (lexical) ou procedural (gramatical).

Considerando tais aspectos teóricos iniciais e cruciais para o modelo baseado no uso, Traugott e Trousdale (2013) listam dois tipos de mudança linguística: a mudança construcional e a construcionalização. A primeira se caracteriza por afetar apenas a forma ou apenas o significado, configurando-se como micropassos de mudança que precedem a construcionalização, enquanto a segunda (construcionalização) é concebida como um tipo de mudança que afeta a forma e o significado concomitantemente, dando origem a um novo nó na rede construcional da língua

O processo de construcionalização pode ser de dois tipos: a) construcionalização gramatical, que consiste na formação de construções de natureza gramatical (ou plenas de processamento); b) construcionalização lexical, que consiste na formação de construções de natureza lexical (ou plenas de conteúdo). Assim, neste trabalho, nosso foco está no primeiro tipo de construcionalização, pois as microconstruções auxiliares aspectuais são procedurais.

A construcionalização gramatical é definida, segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 147), como:

[...] o desenvolvimento, por meio de uma série de pequenas mudanças, de um novo pareamento de forma-significado de um signo, o qual apresenta, principalmente, uma função procedural. Um signo gramatical sugere como o falante conceitua relações entre os referentes na(s) cláusula(s) e como o destinatário deve interpretá-la(s). Nos diversos casos de construcionalização gramatical, tem-se a perda de significado lexical, entretanto as fontes também podem ser não-lexicais [...]³.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização gramatical deve ser vista, inicialmente, como um resultado de mudança e não como um processo, uma vez que o último se dá durante as mudanças construcionais. Seguindo essa perspectiva, entendemos a gramática como sendo não-modular, uma vez que as dimensões da pragmática, semântica, sintaxe, morfologia e fonologia são igualmente importantes, sem haver uma relação de primazia de uma sobre a outra. Nesse sentido, para compreendermos e analisarmos os casos de mudança linguística que ocorrem nas línguas, consideramos de grande relevância, conforme postulam Bybee (2010) e Traugott e Trousdale (2013), o entendimento de que as rotinizações, os *chunks* e os esquemas abstratos da língua contribuem para a implementação e o desenvolvimento de novas construções na gramática das línguas.⁴

3 No original: "Grammatical constructionalization is the development through a series of small-step changes of a formnew-meaningnew sign that is (mostly) procedural in function. A grammatical sign cues how the speaker conceptualizes relationships between referents within the clause(s), and how the addressee is to interpret the clause(s). In many cases grammatical constructionalization involves loss of lexical meaning but the sources may also be non-lexical, [...]" (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 147).

4 A visão de mudança linguística adotada aqui é mais abrangente do que aquela assumida pela perspectiva clássica dos estudos de gramaticalização. Existem duas tradições nos estudos de gramaticalização, a primeira a compreende como redução (GR) e envolve o aumento de dependência e a redução de vários aspectos da construção original; o foco recai sobre mudanças morfológicas. Já a segunda tradição entende a gramaticalização como expansão (GE), incluindo a expansão do alcance semântico/pragmático, sintático e colocacional (HIMMELMANN, 2004). De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as duas tradições não são ortogonais, mas interligadas durante a mudança; portanto, a gramaticalização se assemelha à mudança construcional, entendida como um processo pelo qual determinada construção está passando, podendo ou não desencadear um caso de construcionalização gramatical.

Um dos mecanismos de mudança que contribui para o que chamamos de construcionalização, além da neoanálise, é a analogia. Em linhas gerais, a analogia é o “processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias.” (BYBEE, 2016, p. 27). Como processo de domínio geral, a analogia tem sido estudada em termos de estruturas relacionais sobre estímulos visuais, como cenas, formatos e cores; já no domínio da linguagem (de natureza específica), a analogia é entendida como o processo pelo qual o usuário passa a usar um novo item numa construção, a partir da experiência linguística. Além disso, a gradiência opera nesse mecanismo, uma vez que a base está na extensão de similaridade com usos antigos de determinadas construções (BYBEE, 2016).

É importante apontar que, quando falamos em analogia, estamos compreendendo-a tanto como um tipo de mudança histórica quanto um mecanismo de processo cognitivo, uma vez que “todos os mecanismos de mudança devem ser baseados em mecanismos de processamento” (BYBEE, 2016, p. 122).

Diferentemente da definição de Bybee (2016), para a perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), a analogia é entendida como analogização, porque os autores visam a distinção entre mecanismos de mudança e motivações para a mudança; evitando, assim, uma ambiguidade entre pensamento (motivação) e mudança centrada a um padrão correspondente (mecanismo). Portanto, “a analogização é um mecanismo ou processo de mudança que acontece em correspondência, nos pares: forma e significado, que não existiam antes” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 38). Neste trabalho, seguimos a definição de Traugott e Trousdale (2013), que adotam o termo “analogização”.

Outro importante ponto a ser discutido diz respeito aos fatores de mudança. Segundo Traugott e Trousdale (2013), toda construção exibe diferentes graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Para os autores, ao se comprovar os diferentes graus dessas noções, é possível evidenciar o grau de convencionalização de construções na língua. Nos casos de construcionalização gramatical, o que se verifica é um aumento de produtividade e esquematicidade e uma redução no nível de composicionalidade. O quadro abaixo explicita, sucintamente, as três noções:

Quadro 1. Esquematicidade, produtividade e composicionalidade
(Adaptado de Traugott e Trousdale, 2013).

Esquematicidade	diz respeito ao grau de abstratização de uma construção e é uma propriedade de categorização, isto é, um esquema é uma generalização taxonômica de categorias linguísticas ou não.
Produtividade	diz respeito ao grau de capacidade de uma construção (mais esquemática como $[V_1 + \text{prep} + V_2]$, por exemplo) para atrair construções menos esquemáticas.
Composicionalidade	diz respeito ao grau de extensão do significado de uma construção, ou seja, o grau de transparência ou opacidade semântica de uma construção.

As noções de esquematicidade, produtividade, composicionalidade e os tipos de mudança linguística (a mudança construcional e a construcionalização), consideradas caras à abordagem construcional, podem dialogar com o que Kuteva (2004) denomina auxiliarização e à proposta clássica de Heine (1993) para o tratamento dos auxiliares.⁵

Segundo Kuteva (2004), a auxiliarização envolve tanto fatores semântico-cognitivos quanto fatores discursivo-contextuais. A auxiliarização é entendida como uma reflexão da capacidade básica de conceitualização humana, ou seja, a capacidade de conceitualizar noções gramaticais abstratas a partir de noções concretas e psicossociais. As estruturas conceituais semânticas se desenvolvem em estruturas gramaticais de modo coerente e ancorada nas capacidades humanas de conceitualização.

Imersa no conhecimento subjetivo do falante, a categoria de auxiliar emerge na rede linguística via analogização a esquemas já convencionalizados na rede do português. Nesse sentido, pautamo-nos na definição clássica de Heine (1993) que entende os auxiliares como “resultado particular de um processo cognitivo, no qual conteúdos concretos e esquemáticos são empregados para a expressão de conceitos gramaticais abstratos” (HEINE, 1993, p. 86⁶), no entanto, reinterpretamos esse processo de mudança no âmbito da construcionalização gramatical, que dá origem a novas construções auxiliares aspectuais, via analogização ao esquema $[V_1 + \text{prep} + V_2]$.

5 Os estudos de Heine (1993) e Kuteva (2004), anteriores à abordagem construcional, continuam sendo referência para a definição de auxiliaridade, por isso dialogam com essa proposta, pois esses autores já se preocupam em pensar acerca de como fatores cognitivos podem atuar na mudança linguística.

6 No original: “one particular outcome of a cognitive process whereby concrete, schematic contents are employed for expression of abstract grammatical concepts.” (HEINE, 1993, p. 86).

Assim, podemos observar que, na emergência das microconstruções auxiliares com o verbo “deixar”, o falante transfere um evento do mundo concreto, encabeçado por uma construção transitiva (em que se tem uma relação entre o verbo e seus argumentos), como “eu deixei as chaves na mesa”, para algo do mundo abstrato, como uma proposição, um ato de fala, como “eu deixei de acreditar em fantasmas”, desencadeando a abstratização e a auxiliarização e promovendo a construcionalização gramatical.

2. Metodologia

Para a realização da pesquisa, que é de natureza qualitativa e quantitativa, adotamos a perspectiva teórica da Linguística Cognitivo Funcional, representada, em especial, por autores como Bybee (2016), Kuteva (2004), dentre outros, mais especificamente a abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013).

Como este trabalho busca analisar o padrão construcional [V1+prep+V2] encabeçado pelo verbo “deixar” no português brasileiro, utilizamos ocorrências oriundas do *Corpus do Português* [gênero/histórico e web/dialetos] (DAVIS; FERREIRA, 2006; 2016), que é um *corpus* baseado no uso. Tal *corpus* se subdivide em dois grandes *subcorpora*, o primeiro [gênero/histórico] é composto por mais de 45 milhões de palavras (mais de 57 mil textos escritos em Português do século XIII ao século XX) e o segundo [web/dialetos] é composto por 1 bilhão de palavras, reunindo dados de páginas eletrônicas de quatro países que falam português (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique), permitindo uma visão do português contemporâneo (século XXI).⁷

Coletamos e analisamos 450 (quatrocentas e cinquenta) ocorrências em nove sincronias, do século XIII ao século XXI, sendo selecionadas as primeiras cinquenta ocorrências de cada sincronia do *Corpus do Português* por meio de um sistema de mescla aleatória de tipos e formas de construções (DAVIS; FERREIRA, 2006, 2016).

Das ocorrências coletadas, recortamos, para este trabalho, somente as ocorrências em que as microconstruções auxiliares aspectuais estavam presentes, isto é, 288 (duzentas e oitenta e oito) ocorrências, correspondendo a 64% de toda a coleta.

As ocorrências coletadas foram analisadas com base em oito parâmetros de análise, fundamentados nos critérios clássicos de Heine (1993) e Ilari e Basso (2008), buscando verificar o grau de convencionalização/auxiliaridade dessas construções auxiliares, assim como os graus de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das mesmas.

Os parâmetros propostos estão listados no quadro 2:

⁷ O *corpus* está disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

Quadro 2. Grupo de parâmetros para investigação das microconstruções auxiliares.

1.	Tipo de microconstrução instanciada pelo esquema $[V_1 + \text{prep} + V_2]$: [aspectual terminativa, aspectual prospectiva].
2.	Natureza semântica de sujeito e compartilhamento de sujeito entre V_1 e V_2 .
3.	Possibilidade de negação do verbo auxiliar e do verbo principal da construção de maneira independente.
4.	Possibilidade de nominalização do V1 independentemente.
5.	O todo formado por V_1 e V_2 equipara-se, em termos conjugacionais, ao verbo simples.
6.	Grau de composicionalidade: perda de transparência semântica sofrida pela construção auxiliar $[V_1 + \text{prep} + V_2]$.
7.	Grau de esquematicidade das construções auxiliares: aberta; semiaberta; fechada.
8.	Grau de produtividade: os elementos que compõem as construções auxiliares: o tipo de verbo preenchido no slot de V_2 .

3. Descrição e análise das microconstruções a partir de parâmetros

3.1. Tipo de microconstrução instanciada pelo esquema $[V_1 + \text{prep} + V_2]$

A literatura acerca da noção de aspecto é vasta. De maneira geral, aspecto pode ser entendido como as várias maneiras de ver/conceber a constituição temporal interna de uma situação (COMRIE, 1976). Essa categoria não dispõe de morfologia própria no português, diferentemente de outras línguas que codificam esta categoria por meio de morfemas e outros dispositivos gramaticais.

No caso do português, as construções perifrásticas, como as que contêm “deixar”, instanciadas pelo subesquema $[\text{deixar} + \text{prep} + V_2]$, são usadas pelo falante para expressar duas fases aspectuais distintas: a não-começada e a acabada. Começemos a caracterizar mais de perto a primeira fase, a prospectiva.

De acordo com Travaglia (1985), a fase de realização não-começada apresenta uma situação como algo ainda por fazer, por começar ou que ainda está por vir, evidenciando se há ou houve uma intenção ou certeza de realização.

A construção auxiliar aspectual prospectiva, representada pelo esquema [deixar+por+V₂], pode ser encontrada já em textos do século XVI e nas sincronias posteriores com a semântica de uma ação que está por se realizar. Vejamos:

(1) porque das cousas que ja tenho dito se poderâ collegir quais saõ as que deixo por dizer, pois todas se parecem huas com as outras. E tratarey agora. (16:Pinto:Peregrin)

(2) ou tem sido nula, ou vai-se mantendo em intérminas promessas, qual mais cínicamente deixada por cumprir. (18:Almeida:Gatos1)

Podemos argumentar que essa noção prospectiva se dá, em termos formais, pelo verbo “deixar”, em posição de V₁, combinado com um verbo principal, V₂, ligados pela preposição “por”, que, a nosso ver, tem o papel fundamental para formar a construção auxiliar e completar a função e a categoria aspectual em foco.

Tanto em (1), proveniente do século XVI, quanto em (2), proveniente do século XIX, temos microconstruções prospectivas que evidenciam este uso de situação ainda não começada. Em (1), o falante “deixa por dizer” as coisas, isto é, o falante projeta a ação de dizer algo para o futuro. O mesmo ocorre em (2), em que as promessas são “deixadas por cumprir”, com sentido de que o cumprimento de algo é postergado.

Além da microconstrução auxiliar aspectual de natureza prospectiva, verificamos que o subesquema [V₁+prep+V₂] também instancia a microconstrução auxiliar aspectual de natureza terminativa. Segundo Travaglia (1985, p. 113), a noção aspectual terminativa “se caracteriza por apresentar a situação nos seus últimos momentos ou em seu momento de término”.

A microconstrução auxiliar aspectual terminativa [deixar+de+V₂] pode ser encontrada em textos já do século XIII, referente ao português arcaico, e também em sincronias posteriores do português, em que se verifica a expressão de uma situação acabada ou em momentos do seu fim. Observemos as seguintes ocorrências:

(3) esforçado e mais valente e mais ligeyro que entom no mundo avya. Mas agora leixaremos a fallar delle e tornaremos a Espam por que pertëece a nossa estorya dos feytos (13:CIPM:CGEsp)

(4) E en esta maneira lhe obedecerom os de Carmona e de Almaria. Mas agora leixaremos de fallar desto e tornaremos aa estorya de Cordova ally onde a avemos leixada. (13:CIPM:CGEsp)

Podemos identificar que, nas sincronias anteriores, referentes aos séculos XIII, XIV e XV, conviviam as seguintes microconstruções, codificando aspecto terminativo: [deixar+de+V₂] e [deixar+a+V₂]. Ambas estavam em competição para a marcação dessa noção aspectual; no entanto, nas sincronias mais recentes, do século XVI até os dias de hoje, aquela construção combinada com a preposição “a” é soterrada pela construção com a preposição “de” e o aspecto terminativo com “deixar” passa a ser unicamente encabeçado pela união do verbo aqui em foco com a preposição “de” e o V₂.

É interessante notar a competição e a variação dessas construções por meio da observação das ocorrências (3) e (4): ambas são do mesmo texto fonte, denotam o aspecto terminativo e servem para que o falante mude de tópico, em outras palavras, podemos defender que, além de instanciar noção aspectual terminativa, essas construções também servem como introdutora de um novo tópico no discurso, uma vez que se tem o mesmo padrão textual, de estruturação de texto, no sentido de “deixaremos de falar desse tópico e retornaremos a outro tópico já estabelecido”.

Vejamos uma última ocorrência da microconstrução aspectual terminativa com “deixar”, agora do século XX, cuja semântica aponta para a fase final da ação.

(5) o desempregado tem que pagar à seguradora a mensalidade que a empresa *deixou de recolher*. (19N:Br:Cur)

Passemos, neste momento, a analisar as microconstruções aspectuais com base em parâmetros formais e semânticos, a fim de verificar algum traço comportamental que possa distinguir os tipos construcionais em questão.

3.2. Natureza semântica do sujeito e compartilhamento de sujeito entre V₁ e V₂

Com este parâmetro, verificamos que o tipo e a especificação do sujeito compartilhado pelos verbos compõem a construção auxiliar [V₁ e V₂], tendo em vista que, quanto mais o sujeito da construção auxiliar amplia o seu estatuto semântico, deixando de ser apenas humano ou animado, mais gramatical o verbo “deixar” se torna. Em outros termos, o intuito é verificar se o sujeito é [+humano] ou [-humano].

Ao analisar as sincronias do português, verificamos que o verbo “deixar”, enquanto auxiliar, inicia sua trajetória de mudança, no século XIII e XIV, tendo sujeitos, predominantemente, com o traço [+ humano], como em (6), porém, no decorrer do tempo, este subesquema passa a contar com sujeitos com o traço [- humano], como em (7), corroborando a hipótese de que a construção auxiliar com o “deixar” está se tornando mais consolidada (ou mais gramatical) no português.

(6) Moço com a natureza; que tratando Os coraçõs taõ branda e docemente, Naõ deixa de ser forte, quem o sente. (17:Macedo:Antidoto) = suj. "o moço" [+humano]

(7) o Infante representava aquella empreza, para que ella deixasse de ser por alguns ministros reprovada. (16:FMMelo:Politica) = suj. "aquela empresa" [-humano]

Seguindo a investigação, ao verificar a especificidade do sujeito, se é [+específico] ou [+genérico], buscamos comprovar também o grau de construcionalização gramatical desse subesquema, uma vez que quanto mais gramatical é a construção auxiliar mais ela tende a ocorrer com sujeito [+genérico].

Em nossa análise, podemos verificar que o sujeito com o traço [+específico] é ainda o mais frequente no padrão auxiliar estudado, porém, o traço [+genérico] ocorre com certa frequência. Observemos as ocorrências:

(8) Ela havia deixado por acabar uma blusa, para esperar-lo; havia abandonado a comida por fazer; havia adormecido as crianças com o único fim de ficar sozinha a seu lado, para fazer- lo esquecer os assuntos, os trabalhos e a política. (21 pco.org.br)= suj. "ela". [+específico].

(9) Algumas "utopias" literárias deixam de ser quiméricas e passam a ser consideradas como futuros prováveis (19Ac:Br:Lac:Misc) = suj. "algumas utopias literárias" [+genérico].

Outro parâmetro analisado é o compartilhamento de sujeito por V_1 e V_2 . O intuito é verificar se V_1 e V_2 possuem ou não o mesmo sujeito, com vistas a mostrar que a construção auxiliar mais consolidada tende a apresentar o mesmo sujeito.

Para Ilari e Basso (2008), uma das características que define a auxiliaridade de um verbo é se o V_1 e o V_2 compartilham o mesmo sujeito. Em nossa análise, o verbo "deixar" e o V_2 que o acompanha têm o mesmo sujeito em quase todas as ocorrências coletadas (96.9% do recorte feito neste trabalho). Este fato é mais um argumento para comprovar a auxiliaridade deste verbo.

Vale notar que, nas sincronias arcaicas, há casos em que o "deixar" não tem o mesmo sujeito que o verbo auxiliar, conforme se pode verificar na ocorrência (10).

(10) mandau lhes dar muy fortes tormentos ameaçados com mortes cruéis. mais co todo esto ão leixauva pore⁸ os sanctos monges de pregar a saude e onome de Jhesu christo atodos abertamete. (13:BarlJosaf)

“mandava-lhes dar tormentos muito fortes, ameaçando-os com mortes cruéis, mas tudo isto não deixava, portanto, os santos monges de pregar a saúde e o nome de Jesus Cristo a todos abertamente”.

Nesta ocorrência, podemos verificar a distância entre o V₁ e o V₂, em que se observa a existência de uma conjunção conclusiva [porem] e um sintagma nominal [os santos monges]; além disso, podemos observar que o sujeito do V₁ [deixar] é diferente do sujeito do V₂ [pregar], o primeiro tem por sujeito “tudo isso” [os tormentos, as ameaças com mortes cruéis], já o segundo tem como sujeito o SN [os santos monges]. Ocorrências como esta podem ser encontradas nas sincronias dos séculos XIII e XIV.

Em (11), listamos uma ocorrência em que o V₁ e o V₂ compartilham o mesmo sujeito, formando, assim, uma microconstrução auxiliar denotando aspecto terminativo.

(11) esfarrapinho inocente ensina a frei Bertolameo a ser arcebispo. Este me avisa que nao deixe de acudir e visitar minhas ovelhas, por mais tempestades que fulmine o céu. (16:Sousa:Domingos)

Em suma, ao expor o parâmetro envolvendo o sujeito das construções auxiliares, podemos já alegar seu alto grau de auxiliaridade, devido à possibilidade de ocorrência de “deixar” com qualquer sujeito, seja [+/- humano] ou [+/- genérico], ou devido à possibilidade de compartilhamento do mesmo sujeito pelo verbo auxiliar e pelo V₂, levando a uma maior auxiliarização de V₁.

3.3. Negação

Ilari e Basso (2008) postulam que o auxiliar e o verbo principal não podem ser afetados independentemente pela negação. Portanto, objetivamos, com este parâmetro, verificar se a negação incide sobre todo o complexo verbal [V₁ e V₂] ou se a negação incide de forma independente sobre o auxiliar ou sobre o verbo principal.

Como podemos verificar, em todas as ocorrências, o V₁ e o V₂ não podem ser negados independentemente, o que explicita o caráter menos composicional e mais convencional do padrão construcional aqui estudado. Vejamos a ocorrência (12):

⁸ A conjunção “porém” no português arcaico não significava contraste, mas conclusão, podendo ser parafraseada por “portanto; por conseguinte, por isto”.

(12) Tudo sem dúvida fez de si para *não deixou por fazer* coisa alguma das que podiam aproveitar à salvação daquela gente, servindo a Deus com toda a humildade e desprezo de si mesmo. (15:Frois:Japam3)

Em (12), na construção auxiliar aspectual prospectiva, a negação recai sobre o complexo verbal como um todo, isto é, sobre o “deixar” e o “fazer”. Ademais, ao negar ambos os verbos de forma conjunta, podemos dizer que este padrão é reconhecido como um *chunk* na língua, comprovando, novamente, que o subesquema [deixar+prep+V₂] forma um conjunto mais fechado de unidades linguísticas (HEINE, 1993).

3.4. Nominalização

O próximo parâmetro de análise investigado na pesquisa se refere à nominalização, compreendida por envolver “tanto a aquisição de propriedades nominais como a perda de propriedades verbais, numa relação de oposição discreta” (CAMACHO, 2011, p. 43).

Nesse caso, no que se refere ao subesquema construcional estudado, o verbo “deixar”, enquanto auxiliar, não se nominaliza de maneira independente (ILARI; BASSO, 2008), uma vez que está recrutando um V₂ para formar, juntos, uma perífrase, codificando uma categoria gramatical, como aspecto e modo, por exemplo.

Dessa forma, em nenhuma das ocorrências analisadas, conseguimos nominalizar o V₁, sob o risco de a construção se tornar agramatical. Na ocorrência (13), podemos observar que, mesmo usando os sufixos formadores de nome do português mais prototípicos, [-ção] e [-mento], seria agramatical nominalizar o “deixar” como *deixação; *deixamento, porque, além da não ocorrência (ou não realização) dessas unidades lexicais na língua, há a quebra da *chunk* perifrástico formado pelo V₁ e V₂. Assim, a impossibilidade de nominalização do V₁ mais uma vez referenda e reforça o caráter auxiliar do “deixar” em construções auxiliares no português do Brasil.

(13) ele também não soube parar de beber e embriagou- se. Ele *deixou de ser* adulto por algumas horas, ele não sabia agir e muito menos reagir (20001pontodevista.zip.net)

(13a) *[...] A *deixação* de ele ser adulto por algumas horas, [...]

(13b) * [...] O *deixamento* de ele ser adulto por algumas horas, [...]

3.5. Equiparação de [V₁+prep+V₂] a um verbo simples

O objetivo deste parâmetro é averiguar a possibilidade do todo o complexo formado por V₁ e V₂ equiparar-se a um verbo simples em termos conjugacionais (ILARI; BASSO, 2008). Nos dados analisados, observamos que o padrão auxiliar estudado comporta-se de forma distinta ao do verbo simples.

Este fato nos permite entender que este subesquema é uma perífrase, um todo, porque se a possibilidade de substituir o padrão auxiliar por um verbo simples existisse, não estaríamos, então, investigando e descrevendo uma construção perifrástica cuja união de um V₁ [deixar] com um V₂ já é consolidada e reconhecida no português.

Ademais, convém ressaltar que as construções auxiliares com o verbo “deixar” convivem com a construção conteudística do mesmo verbo, a qual tem uma estrutura argumental bitransitiva, diferente da construção auxiliar cuja estrutura argumental é codificada pelo verbo principal [V₂], ficando apenas a flexão a cargo do V₁. A descrição e análise dos padrões encabeçados pelo “deixar” foi proposta por Prezotto Jr. (2016).

Vejam as ocorrências a seguir:

(14) Em seguida, exclamou, como alguém que ao sacrifício se vota:
- “*Deixo* viúva e seis órfãos. Terão como única herança um nome honrado. (18:Taunay:Retirada) (PREZOTTO JR., 2016, p. 35).

(15) A perda do hormônio natural provoca atrofia do testículo e, com isto, o homem pode *deixar de ter* desejo sexual, a testosterona deixa de ser produzida. (19Ac:Br:Enc)

Comparando as ocorrências (14) e (15), temos, na primeira, uma construção conteudística, porque o “deixar”, neste subesquema transitivo [SN₁ deixar SN₂], encabeça um verbo pleno bivalente; já na segunda, temos uma construção auxiliar aspectual terminativa, em que é possível verificar que o “deixar” não seleciona argumentos assim como o V₂ (ter) faz; portanto, não podemos equiparar este *chunk* a um verbo simples, se assim fizermos o *status* de perífrase seria perdido.

3.6. Grau de composicionalidade

Almejando verificar se a construção auxiliar formada por [deixar+prep+V₂] sofre algum tipo de alteração semântica, tornando-se, assim, mais opaca, específica, nos amparamos na noção de composicionalidade (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

A composicionalidade nos permite verificar se a extensão de sentido (pragmático ou semântico) das construções auxiliares com o “deixar” é decorrente da soma das subpartes que compõem a construção ou se o sentido é decorrente do todo dessa construção, que ocorre quando a construção é reconhecida como um *chunking* (BYBEE, 2010), em que a relação entre forma e significado torna-se cada vez mais opaca.

Ademais, em termos composicionais, investigamos se o V_1 [deixar] seleciona ou não argumentos enquanto construção auxiliar de natureza aspectual; em outras palavras, investigamos se ele apresenta traços de transitividade.

A análise das ocorrências coletadas reafirmou o caráter auxiliar do “deixar”, uma vez que o mesmo, enquanto auxiliar, já não seleciona argumentos, função esta que é exercida pelo V_2 . Para exemplificar, apresentamos a ocorrência (16):

(16) Estende-se também a todos os estados de vida; casados, solteiros, e viuvos; mas da mesma maneira he mais propria dos casados, que dos solteiros e viuvos; não porque estes dois modos de vida deixem de necessitar de regras para seu bom regimento, porém porque são estados em que poucos, e pouco tempo se detem.
(16:FMMelo:Casados)

É importante ressaltar, no entanto, que, em sincronias pretéritas, encontramos ocorrências de “deixar” selecionando argumento, o que mostra que a construção auxiliar foi se consolidando aos poucos no decorrer da história da língua. Em (17), “deixar” seleciona argumento [a minha incredulidade de estar ainda um pouco duvidosa], o verbo “estar” integra a oração que completa o sentido do substantivo abstrato [incredulidade] que nucleia o argumento do verbo “deixar”.

(17) foram em outra nação mais diligente já houveram de andar estampados pelo mundo. Não deixa contudo a minha incredulidade de estar ainda um pouco duvidosa, pelo tempo e circunstâncias.
(16:Vieira:Cartas)

Nos séculos mais recentes, o V_1 já não seleciona argumento, compondo com o V_2 uma única estrutura, como ilustra a ocorrência em (16).

Enfim, defendemos que as microconstruções auxiliares aspectuais são mais ou menos composicionais, porque já apresentam um certo grau de opacidade semântica e o sentido já se apresenta menos composicional, devido à perda de transparência semântica do V_1 , mas ainda mantêm um certo poder de analisabilidade (BYBEE, 2016), pois o usuário da

língua ainda reconhece a informação dos arquétipos do $[V_1]$ e $[V_2]$ individualmente, ou seja, este traço não se perdeu totalmente⁹.

3.7. Grau de esquematicidade

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), as construções na rede linguística formam esquemas, apresentando diferentes graus de esquematicidade veiculados em cada padrão construcional; as construções podem ser esquemáticas (abertas), intermediárias (semiabertas) e substantivas (fechadas). Esses graus se definem pelo aumento da abstratização da construção à medida que as restrições de seleção de elementos que podem preencher os *slots* da microconstrução diminuem.

Ainda para os autores, no aumento de esquematicidade, devemos considerar duas questões: a) ao longo do tempo, microconstruções podem se tornar mais esquemáticas ou mais abstratas, tornando-se os “melhores” membros de esquemas abstratos; b) a expansão dos esquemas, uma vez que eles podem vir a ter mais membros (extensibilidade dos esquemas).

Assim sendo, as microconstruções auxiliares aspectuais e modais com o “deixar”, salvo as modais facultativas orientadas para o evento, se caracterizam como semiabertas ou intermediárias, já que apenas alguns *slots* da construção são passíveis de preenchimento por outros elementos; os demais *slots* já estão preenchidos.

Dessa forma, denominamos essas microconstruções auxiliares como intermediárias, ou parcialmente esquemáticas, pelo fato de elas serem preenchidas em V_1 , por “deixar”, e apresentarem o V_2 para preenchimento, isto é, V_2 pode ser preenchido por vários tipos de verbos. Mesmo que as ocorrências prototípicas desse padrão sejam [deixar+prep+ V_2], existem casos, não tão frequentes, como em (17), em que o falante pode inserir [qualquer dia porventura] entre a construção $[V_1$ +prep+ $V_2]$.

(17) Já *deixei* qualquer dia porventura de *tratar-te* com a mesma delicadeza e com a mesma dedicação (18:Azevedo)

Porém, nas sincronias atuais, séculos XX e XXI, observamos que a união entre o V_1 , preposição e o V_2 é mais forte, sendo raros os casos de inserção de elementos entre as partes da microconstrução. As ocorrências (18) e (19) a seguir ilustram este fato:

9 Traugott e Trousdale (2013) não distinguem composicionalidade de analisabilidade, sendo a última um subtipo da primeira. Porém, seguindo Bybee (2016), distinguimos as duas propriedades. A composicionalidade é pensada em termos de significado (semânticos), enquanto a analisabilidade está ligada às características formais (sintáticas) da construção.

(18) Aí está mais uma prova inequívoca que, quando alguém deseja deixar de ser homossexual, tem condições, especialmente, quando confia em Deus. (20gospelhoje.com.br).

(19) A barba eu deixei por fazer e ela cresceu os vinte e três dias que se passaram e a o me olhar em o espelho eu vejo nítida a mudança que a tua partida deixou aqui. (20pe-da-cos.blogspot.com).

3.8. Grau de produtividade

A noção de produtividade, segundo Traugott e Trousdale (2013), diz respeito à capacidade de uma construção de atrair elementos/construções menos esquemáticas, que passam, a partir daí, a integrar o rol de construções que estão ligadas a um esquema mais geral e abstrato e já devidamente convencionalizado na língua.

Então, buscamos verificar se o *slot* de V_2 , especificamente, pode ser preenchido por qualquer tipo de verbo ou se há alguma restrição quanto à seleção de verbo principal para acompanhar o auxiliar. Vale lembrar que toda a análise apresentada refere-se à produtividade *type*, e não *token*.

O auxiliar aspectual terminativo, por exemplo, permite o preenchimento de V_2 por qualquer tipo de verbo, seja ele de ação, estado, força, entre outros. Nesse padrão não há uma restrição de verbos que acompanham “deixar” e a preposição “de”. Assim, podemos afirmar que este padrão é totalmente produtivo. Vejamos:

(20) Os meninos deixaram de aprender a rezar para ler periódicos e discutir presumidos direitos do homem; os operários abandonaram as suas fábricas para cuidar em eleições; a plebe imunda e perigosa agitou-se radiosa e triunfante em todas as nações. (18:Macedo:Moço)

Diferindo parcialmente do tipo terminativo, as microconstruções aspectuais prospectivas, apresentam certa restrição de verbos no tocante ao V_2 . Em geral, os V_2 que acompanham o “deixar” são verbos como “fazer”, “acabar”, “terminar”.

(21) Espinosa morreu e deixou por terminar justamente quando iria desenvolver o seu pensamento sobre a democracia). (20 mudancaedivergencia.blogspot.com)

A tabela abaixo ilustra tais fatos em números. Do recorte feito nesse artigo (288 ocorrências), 165 ocorrências (57,3%) recrutam V_2 de caráter mais concreto, relativos ao

domínio biossocial do falante, eram recorrentes verbos como “fazer”, “andar”, “ir”, “falar”, “passar” etc. Mas, na passagem dos séculos, esse esquema começa a recrutar verbos mais abstratos, cognitivos, como “saber”, “aprender”, “entender” etc., resultando em 123 ocorrências (42,7%).

Tabela 1. Tipos de V_2 que instanciam o subesquema [deixar + prep + V_2].

V_2 [+ concreto]	V_2 [+ abstrato]	Total
165	123	288
57,3%	42,7%	100%

Em suma, no que se refere à produtividade do subesquema auxiliar [deixar+prep+ V_2] na rede linguística do português, podemos afirmar que a possibilidade de preenchimento por um V_2 de qualquer natureza confirma o cline clássico da tradição dos estudos em gramaticalização: [+concreto] > [+abstrato].

4. Considerações finais

Neste artigo, defendemos que as microconstruções [deixar+de+ V_2] e [deixar+por+ V_2], encabeçadas pelo verbo “deixar”, constituem casos de construcionalização gramatical de natureza aspectual. A partir de um grupo de parâmetros, buscamos analisar o subesquema em foco, considerando as noções de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, mostrando que o subesquema [deixar+prep+ V_2] é [+/- esquemático; + produtivo; +/- composicional].

A figura abaixo situa a rede auxiliar aspectual do português. As construções auxiliares aspectuais são membros de um esquema mais geral do português [V_1 +prep+ V_2]. Esse esquema é responsável por instanciar outras construções auxiliares aspectuais no português, como [parar+prep+ V_2]; [largar+prep+ V_2]; [acabar+prep+ V_2], representadas na figura por [...]. Subordinadas ao esquema mais geral e ao subesquema [deixar+prep+ V_2], temos, enfim, as microconstruções [deixar+de+ V_2] e [deixar+por+ V_2] aqui descritas e analisadas, seguidas de *tokens* [deixei de beber; deixei por fazer], ou seja, exemplares de uso e *locus* da mudança.

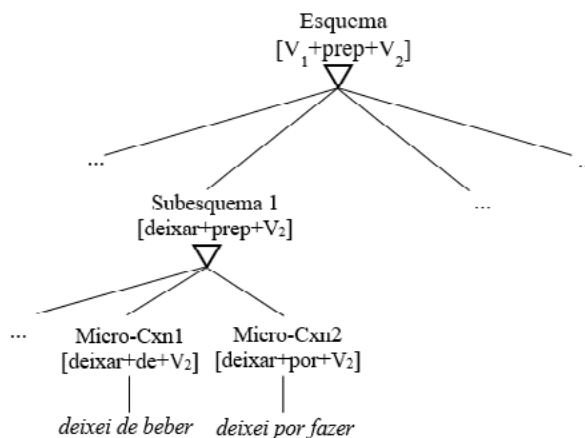


Figura 1. As microconstruções aspectuais com o “deixar” no esquema auxiliar do português

Como verificado na figura acima, a rede auxiliar aspectual do português não está completa, uma vez que analisamos um subesquema auxiliar formado pelo “deixar”. Nosso próximo passo é desenvolver um novo estudo acerca das microconstruções auxiliares aspectuais formadas por outros verbos, além do “deixar”, como o “parar”, objetivando, portanto, descrever e analisar o processo de formação e emergência dessas construções auxiliares, bem como suas possíveis relações de herança/familiaridade com outras construções auxiliares instanciadas pelo esquema $[V_1+prep+V_2]$.

Finalmente, acreditamos que conseguimos, ainda que de forma sucinta, ao analisar as microconstruções auxiliares aspectuais com o verbo “deixar”, contribuir com os estudos em perspectiva construcional e com a descrição das formas verbais no português brasileiro, em especial sobre a formação de construções auxiliares.

REFERÊNCIAS

BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). *Usage-Based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CAMACHO, R. G. A natureza contínua das classes de palavras. *Guavira Letras*, Três Lagoas v. 13, n. 1, p. 39-48 ago./dez. 2011.

COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*, 2006, 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 15 ago. 2018.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (ed.). *What makes grammaticalization – a look from fringes and its components*, 2004. p. 19-40.

KUTEVA, T. *Auxiliation: an enquiry into the nature of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2004.

ILARI, R.; BASSO, R. M. Classes de palavras e processos de construção. 3. O verbo. In: NEVES, M. H. M.; ILARI, R. (org.). *Gramática do Português Falado Culto no Brasil*. v. II Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. p. 163-365.

PREZOTTO JR., J. R. *Gramaticalização do verbo "deixar" no português brasileiro: uma abordagem construcional (ou Mudança construcional do verbo "deixar" no português brasileiro)*. Relatório Final de Pesquisa da FAPESP (Iniciação Científica), São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista – IBILCE/UNESP, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. ed. rev. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.